



SINOFUTURISMO NO ANTROPOCENO

“Vejo a cidade de Tóquio e penso na China.

Foi assim que conheci vários chineses. Também li muito sobre a China. Desde o clássico Shiki (história da China) até Estrela Vermelha sobre a China. Eu queria conhecer mais sobre esse país mais da minha China. Uma China que só eu era capaz de compreender. Uma China com a qual eu me conectava de forma particular. Diferente daquele gigante amarelo do globo terrestre. Hipotética, imaginária. De certa forma, uma parte de mim era atravessada pela palavra China”.

[...]

Amigos! A China é longe demais.”

O desfecho do conto “Lento barco para a China” de Haruki Murakami (presente na coletânea “O elefante desaparece”) consegue sintetizar de maneira literária todo o aparato temporal que ora ou outra parece que o gigante amarelo carrega: estamos vivendo mesmo em um mesmo instante? Ou coisas únicas, novas, diferentes e incomuns acontecem nas planícies de Shenzhen?

É um tanto difícil definir a conceituação histórica e filosófica por trás dessa grande sombra vermelha que andamos nomeando como sinofuturismo. Pelo menos em nome de recapitulação, o termo foi criado por Steeve Goodman em 1988, em uma espécie de teoria ficção. Vários teóricos e artistas se lançaram em desbravar o que esse futurismo aparentemente alinhado em um boom econômico do início do século XXI poderia fomentar.

Os aceleracionistas do CCRU¹, por exemplo, nesse mesmo contexto foram importantes figuras em resgatar essas dissidências estéticas e culturais, como o afrofuturismo em seus clássicos eventos como “Afro-Futures”.

É com Lawrence Lek e seu ensaio-vídeo que essa história se intensifica. Pode-se dizer também que é ali que o sinofuturismo reencontra de fato sua temporalidade. Enquanto Goodman articula a projeção de um oriente tecnologizado, desenvolvido, como contraparte necessária para a competição ocidental do globo, Lek resgatou características mais próprias do contexto chinês e do projeto da nação.

O tempo é algo essencial para se pensar nesta espécie de futurismo: estamos realmente falando de onde? Qual passado rege esse futuro? Como se misturam? Onde está o eixo?

Das margens do Rio Han até os mais alto arranha-céu de Xangai, das plantações em Hubei aos monumentos a céu aberto de Pequim e suas luzes neon. O futuro já chegou e se encontra no extremo oriente. Talvez você ainda não saiba, mas um novo tempo já está aqui. Redes de

¹ Ver “O domínio de Tarmelão” de Dameres Bastos. CCRU: Unidade de Pesquisa de Cultura Cibernética, existente em Warwick no início da década de 1990.

comércio, fluxos digitais, contato intercontinental e comunicação rápida. Zonas econômicas agitadas, urbanas, com grandes corporações, enquanto barcos simples e de estilo antigo delineiam tenros pela água. Um fim do dia calmo, sob uma brisa encantadora do sol poente enquanto certo guanxi funciona quase como se em ordem com o cosmos e as estrelas no alto. Para o sul global, a modernização Chinesa oferece uma resposta ao dilema central do nosso século: como é possível produzir e crescer sem desrespeitar a terra que nos alimenta?

Essa nova modernidade que surge por um dos mais formidáveis experimentos econômicos e sociais dos últimos anos se revela muito preocupada na busca por essa resposta, na tentativa de pensar um futuro que não mais se prenda ao pessimismo da catástrofe ecológica e muito menos no consumismo exacerbado - conduzido a ferro e fogo pelo ocidente por pelo menos há cinco séculos.

Esse é o assentamento onde o sinofuturismo parece se situar no horizonte. As inovações técnicas, a variedade cultural e a larga extensão geográfica permitem com que o grande dragão vermelho ofereça outra forma de visão de mundo. Não estamos mais pensando em termos de uma globalização que funciona apenas por um tempo único, mas a moderna Xangai de 1950 se revoluciona com as grandes modernizações de 1970 e já projeta planos para o futuro adiante de 2049. Uma nova ordem expõe surgir do sino-pacífico. A inteligência artificial alça voo digital, assim como a indústria de semicondutores e a busca pela erradicação total da pobreza.

Não mais as ficções políticas e especulativas de futuros distópicos, de uma vitória da predação sem fim desse Shoggoth individualista, egóico e baseado na deterioração do outro, mas produções como as pensadas por Cixin Liu e sua visão de uma China projetando voos espaciais em um futuro próximo. A grande “vitrine” da China – Xangai – reúne ainda todas as belezas que essa modernização retrô e

futurista oferece para o mundo: uma diversidade de estilos sem igual, um cosmopolitismo único, uma confraria empolgante entre cidade, povo e natureza.

As entrevistas e artigos desta revista se colocam em uma temporalidade muito particular: a de uma modernidade caracterizada pelo out of joint de Hamlet, citado por Jacques Derrida ao construir seu espectro. Além das possíveis leituras de um espectro que acossa para prestar contas e fazer Justiça, o espectro aqui também funciona como o assombro comunista tão presente na obra de Karl Marx e o comunismo como “eterno acosso” da Europa. Talvez os ocidentais não conseguiram mensurar que há pelo menos 5.000 anos uma civilização crescia nas margens do Rio Amarelo. Que desde o século passado, processos históricos únicos e movimentações econômicas completamente novas formaram esse estranho gigante, que aos olhos de muitos causa todo tipo de pânico orientalista ou coisa do tipo.

O futuro pensado para essa China é um onde a fabricação dos jogos nas enormes fábricas já tomaram conta do cotidiano comum. As esteiras de bambu e a tecelagem se misturando com a aceleração dinâmica das cidades, assim como as hortas vizinhas na cidade de Shangai, reunindo o onírico e aquilo que consideram de mais artificial. Esse hibridismo segue o que ultimamente anda-se articulando no sentido da cibernética não ser apenas sobre máquinas técnicas. Apontar que a complexidade da “nova ciência” (cibernética) estaria convergindo com aquilo místico, ou pelo menos certo “materialismo cósmico”, uma reunião heurística entre o vodu, tantrismo, zen, artes marciais — talvez denunciando as influências inquestionáveis do pensamento oriental na cibernética e especulações de futuros.

Enquanto certa tradição filosófica ocidental sempre se preocupou em demasia com o status filosófico da Unidade, de Parmênides e Platão (com a visão do único como indivisível e imutável). A unidade como idealização é muito característica nessa forma de pensamento

ocidental primeva, já uma recente tradição filosófica de meados do século XIX (com Friedrich Nietzsche) tentaria derrubar essa tradição descendente de Platão e da Igreja, da primazia da Unidade. Essa “revolução” foi posteriormente reativada por Gilles Deleuze e Félix Guatarri, que combinaram matemática, cibernética, ciências, filosofia e literatura justamente para desconstruir essa percepção do Uno.

“Sinofuturismo/Temporalidade Chinesa” inicia nosso número reunindo um enorme apanhado das distinções, clivagens e proximidades estéticas e filosóficas nessa emergência de etno-futurismos. A articulação do sinofuturismo como uma espécie de "futurismo asiático" em oposição a certo "tecno-orientalismo" fundamenta uma discussão interessantíssima sobre esse mesmo sentido da temporalidade que andamos dissertando. Em uma mistura de filosofia chinesa e articulações contemporâneas, o resultado é um encontro profundo entre remodelagens do passado e uma apresentação da temporalidade muito além do fio único e da linha usual do pensamento ocidental. Já no seguinte "Fábrica de aceleração: contos de fábrica na obra de Cao Fei e Yuk Hui" nos aproximamos de toda a natureza interdisciplinar dos estudos sinofuturistas e sua espinha dorsal intrinsecamente artística. Em reflexões sobre as obras *Whose Utopia*, *Rumba II: Nomad* e *RMB City* da artista chinesa Cao Fei 曹斐, debates contemporâneos como do aceleracionismo e da cosmotécnica (conceito do filósofo Yuk Hui) surgem como um importante vetor de se visualizar esse processo de derretimento. A reflexão ainda toma uma forma mais robusta ao propor uma leitura das próprias lógicas desses não-humanos: das fábricas, da automatização, da própria artificialidade e essa dissolução quase que indissociável com nós, supostos humanos. Onde estamos nessa cadeia de hibridagem?

Já em “sinofuturismo e a sina da esquerda” Hilan Bensusan expõe uma nova amplitude aos debates envolvendo China e as questões políticas por trás do projeto de edificação socialista. No seio dos debates da macropolítica, habita uma disputa acerca da natureza do próprio projeto chinês: de socialistas “reais” do século XXI aos Neorreacionários tecno-comercialistas. Essa disputa apenas sintetiza esse sentido transmorfo do projeto que se constrói. Bensusan sugere uma leitura de cisões, dispêndio e uma proposição onde o projeto Chinês poderia ser

uma espécie de vetor indicativo de onde há uma articulação sobre os Estados modernos que não necessariamente pendesse no sentido da balcanização e ultra reacionário de figuras como Moncius Moldbug e seus neocameralismos.

Em "Breves considerações acerca do sonho espacial da China" a exploração vai além e chega na astropolítica: quais são os sonhos cósmicos do gigante amarelo? Explorando a corrida espacial ocorrida na Guerra Fria e as distinções visíveis entre a maneira que os cosmonautas eram pontuados, o texto apresenta os "taikonautas", que ganham ênfase justamente no protagonismo do "povo comum" em um projeto tão expansivo como de um programa espacial. A sugestão de que o passado colonial e de expansão territorial de contextos como dos EUA intrinsecamente gera uma expedição espacial pautada no explorador dominante masculinista e cisgênero (provavelmente a utopia de bilionários como Elon Musk), casa perfeitamente com uma perspectivização chinesa mais ambientada e antiga: uma busca pelo espaço e cosmos muito além do domínio territorial.

Já em "Rumo a um Sinofuturismo Queer", os autores apresentam uma discussão talvez mais recente ainda nessa gênese sinofuturista: que corpos habitam esse futuro? Onde as pessoas não-binárias, transgênero, travestis e todo tipo de corpo lido como "menos humano" ocupa nessas utopias tecnológicas? Há décadas de trabalhos de teoria queer sendo produzidas por pessoas asiáticas, mas ainda há muito orientalismo no sentido de apontar que de alguma forma essas sociedades são mais "conservadoras" e "retrogradas" em relação a forma que as democracias liberais no ocidente "caminharam" no sentido da assimilação. Os autores articulam visões de futuro que não abarcam a conformidade de gênero e aplicam as inovações técnico-científicas como aparatos nessa re-construção do próprio sujeito humano (consequentemente dos seus sistemas binários de gênero)

Já no desfecho dos artigos, "O Pro-Asterion" analisa o sinofuturismo a partir de uma das lógicas mais inovadoras e reflexivas para nosso contexto nacional: "Qual é a cosmotécnica latino-americana?". Possuindo uma linha de delinear o aspecto ontológico, cosmológico e por conseguinte cosmotécnico, autores latino-americanos como Mario de Andrade e Jorge Luis Borges surgem nessa reconstrução de certo ethos mitológico que quiçá desembocará na nossa forma de cosmotécnica própria. Resgatando o sentido diaspórico proposto por Gary Zhexi Zhang, o sinofuturismo aqui articulado se alinha ao sinofuturismo nem como um "único farol" e nem como "cultura global", mas uma certa terceira percepção acerca da diáspora. Com diálogo também com Yi-Fu Tuan, a topofilia ocupa uma espectralidade essencial nessa questão diaspórica articulada: que não apenas o projeto nacional, mas a própria composição desses sujeitos são importantes vetores de produção em um tipo de contra-história que anda sendo construída.

Alinhado em inúmeros sentidos que autores sinófilos contemporâneos empreendem, o trabalho "A Steampunk City Reimagined - Exploring China's Ecological Civilization, Human-Nature Relations, and the Future of Urban Sustainability" apresenta reflexões urbanísticas acerca da ecologia e da própria construção civilizacional em uma era tecnológica e acelerada. Usa-se Chongqing, no sudoeste Chinês, para servir de fonte inspiracional para esse suposto almejo chinês de edificar uma "eco-civilização como próxima fase do socialismo chinês. A cidade concentraria exemplos interessantes nessa reanálise de natureza e humanidade, articulando uma nova relação entre técnica e ecossistemas, as propostas de solarpunk e da reconstrução do papel humano nesse projeto ecológico futurista é um importante sopro de pensamento nessas discussões atuais sobre ecologia, socialismo e a importância de se extrair uma novidade diante a falsa, humanista e ainda moderna dicotomia entre ambientalistas preservacionistas vs indústria destruidora.

É com o texto "Chimerica" de Nick Land que concluímos a série de artigos e damos sequência para duas entrevistas, uma com Elias Jabbour, professor e economista brasileiro, especializado em estudos chineses, defensor do modelo concebido como "socialismo de mercado" e

atualmente um assessor da presidenta do Banco de Desenvolvimento dos BRICS, Dilma Rousseff. As pequenas perguntas buscam sintetizar um pouco da maneira que pelo menos uma parte nacional faz a leitura do projeto chinês atual, enquanto a outra entrevista, com o filósofo Vincent Le, busca extrair mais das suas percepções filosóficas sobre os temas que atravessam a discussão de um tempo desconjuntado, acelerado, e consequentemente de um tempo de futurismos.

"Chimerica" segue esse estranho e curioso fascínio do britânico Nick Land pelo projeto chinês. Para qualquer um versado no que veio a acontecer nas últimas duas décadas, Land ficou conhecido como um filósofo relacionado aos ditos movimentos neorreacionários, parceiro de Moldbug e de edificar uma construção aceleracionista mais aliada ao desenvolvimento capitalista e sua impiedosa e desumanizante aceleração. Desde 1992, Land demonstrava uma observação aguçada do que vinha acontecendo no leste asiático e sua ida para Xangai no início dos anos 2000 também diz muito sobre o que de novo parece surgir daquela terra encharcada de "tao". Chimerica, extraído dos blogs do autor e com sua devida tradução autorizada, é uma reunião de pontos centrais no pensamento de Land acerca dessa economia recente, do híbrido que durou pouco tempo entre China e EUA e os desafios que a construção dessa multipolaridade carrega.

A “Das Questões” apresenta este número com bastante empolgação em ser de certa maneira uma introdução mais concentrada dessa vasta temática e desse extenso campo em idioma nacional e em diálogo com autores e autoras brasileiros.

Carlos Henrique Carvalho